

PREÂMBULO

CIDADANIA

O cidadão não pode se deixar hipnotizar, se fossilizar, hibernar ante os graves fatos de nosso tempo. Temos todos direitos humanos, constitucionais, espirituais de que não podemos abrir mão. O engajamento, o acesso à informação e à educação ampla, o direito de livre expressão e movimentação. Temos que exercer nossa responsabilidade cívica, nossa cidadania, exigir o fim da impunidade e da corrupção deslavada.

Cidadania, democracia não são compatíveis com omissão, muito menos alienação. Nosso silêncio ajuda o acobertamento dos crimes que a todos nos enlameiam. Esconder-se num gueto de conformismo é simples covardia, senão sinal de arrogância, orgulho, egoísmo. Não se deixar levar pelo pessimismo, pelo silêncio, pois é isso o que querem os "donos" dos cartórios político-econômicos, delinquentes em sua essência, que nos dirigem. Temos que conversar, ir às ruas, participar de instituições sociais, culturais, religiosas, ONG's. A vida coletiva pulula nas esquinas, nos salões, reque-rendo de todos, vigor, curiosidade, ética, paixão, comprometimento.

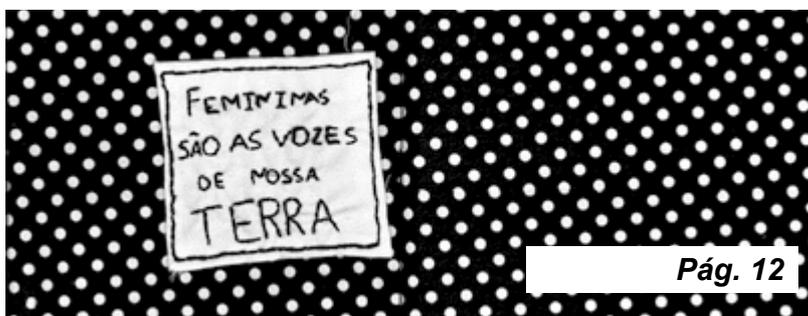
Entende-se que o servidor-público ou privado, de qualquer jaez, deve manter no cargo e em suas funções os princípios da honestidade, civismo, legalidade, imparcialidade e lealdade à instituição e ao Estado a cujos quadros esteja vinculado. Os que não o fazem, permanecendo impunes, cabendo-nos, pois, exercer nosso direito constitucional de questionar, cobrar, se posicionar.



O monge e a matemática

As histórias de Thomas Merton e Sofia Kovalevskaya não se cruzam na realidade. Mas aparecem na mesma edição deste boletim. Ele, um escritor, filósofo, ativista social, ecumenista e estudioso das religiões comparadas - considerado o "Santo Agostinho" do século XX. Ela, uma matemática russa de renome, vencedora do Prêmio Bordin, escritora e defensora ferrenha dos direitos das mulheres.

Págs. 7 e 10



Pág. 12

O verdadeiro caminho

"Na cidade de Savathi, no norte da Índia, Buda mantinha um grande centro onde as pessoas vinham meditar e ouvi-lo discorrer sobre Dharma. Todas as noites, durante anos, um jovem aparecia para ouvir suas palestras e pregações, mas nunca colocou em prática qualquer dos ensinamentos recebidos. Até que, certa noite, chegando um pouco mais cedo, encontrou Buda sozinho e, aproximando-se, interpelou-o".

Pág. 13

Apelidos

Bota-ovo? Lagartixa? Rocambole? No Campo das Vertentes, moradores de comunidades inteiras ganharam apelidos "gentílicos" baseados em sua história, em causos e até paisagens. Confira uma lista completa deles - e o porquê de cada nomenclatura.

Pág. 16

ADIVINHAS

- 1- O que é um boneco de neve velho?
- 2- Porque o Otávio Mesquita só deve até o oitavo mês?
- 3- O que o porco espinho falou para o cacto?

Respostas: 1- Uma poça d'água. 2- Porque no Oitavo Mesquita).
3- Mãe é você?

Provérbios e Adágios

- Quem nasce para vintem, nunca chega a tustão.
- As abelhas e as vespas sugam as mesmas flores, mas não sabem encontrar nelas o mesmo mel. (Provérbio chinês)
- Abelhas, vespas e moscas pousam na mesma flor; mas só a abelha suga o mel e constrói o favo.
- Em casa de enforcado, não se fala em corda.



Para refletir

- Só não morre aquele que escreve um livro ou planta uma árvore; com mais razão não morre o educador, que semeia a vida e escreve na alma. *(Bertold Brecht)*
- O Estado é o único ente, dentro de seu território, que detém o monopólio do uso da força. *(Max Weber)*
- Que diferença há entre o Estado que tira a propriedade das pessoas à força por meio de tributos das gangues de criminosos? *(Joel Pinheiro da Fonseca, filósofo)*
- Vivemos uma era em que a liberdade de pensamento será de início um pecado mortal e mais tarde uma abstração sem sentido. *(George Orwell – “A Revolução dos Bichos” 1945)*
- As juras de amor não atingem os ouvidos dos deuses. *(Hesíodo)*

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO
APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

O EXÉRCITO DE CANAS

Um santo monge budista morava numa caverna perdida entre as montanhas. Vivendo de raízes e muitas privações, acabaria por adoecer.

Certo dia, uma tribo de nômades passou diante de sua porta e a filha do chefe, impelida pela curiosidade, não pode se abster de olhar para dentro. Apeou e adentrando o local, sentiu compaixão pelo homem solitário, enfermo. Optou por abandonar seus companheiros e parentes, permanecendo ali para ajuda-lo e se possível curá-lo, o que acontecerá de fato, à força de muitos e solícitos cuidados.

O monge, em sinal de gratidão, desposou-a. O rei da região, muito apegado às regras do budismo, indignado por um monge ter contraído casamento a despeito de seus votos, mobilizou seu exército para castigar o infiel.

Vendo aproximar-se os soldados inimigos, o eremita colheu algumas canas e amarrou-as, de modo a formar vários feixes. Plantou-as em volta da caverna, enquanto orava fervorosamente.

Logo se verificou um milagre. As canas se transformaram em outros tantos guerreiros que, por sua vez, cortavam mais canas, cingindo-as em feixes e assim plantadas no chão que, de imediato, se mudavam em soldados. O milagre renovou-se sucessivamente até que, em poucos minutos, o exército do monge era muito mais numeroso do que o do rei, correndo então sobre o adversário, pondo-o em humilhante fuga.

Depois da vitória, realizou-se outro milagre. O monge subiu ao céu no meio de nuvens iluminadas. Deixou, porém, na terra a sua mulher que, com o auxílio de valentes guerreiros, fundou poderosíssimo reino

(Da tradição budista)



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



AO PÉ DA FOGUEIRA

DISPENSAR DESPENCAR

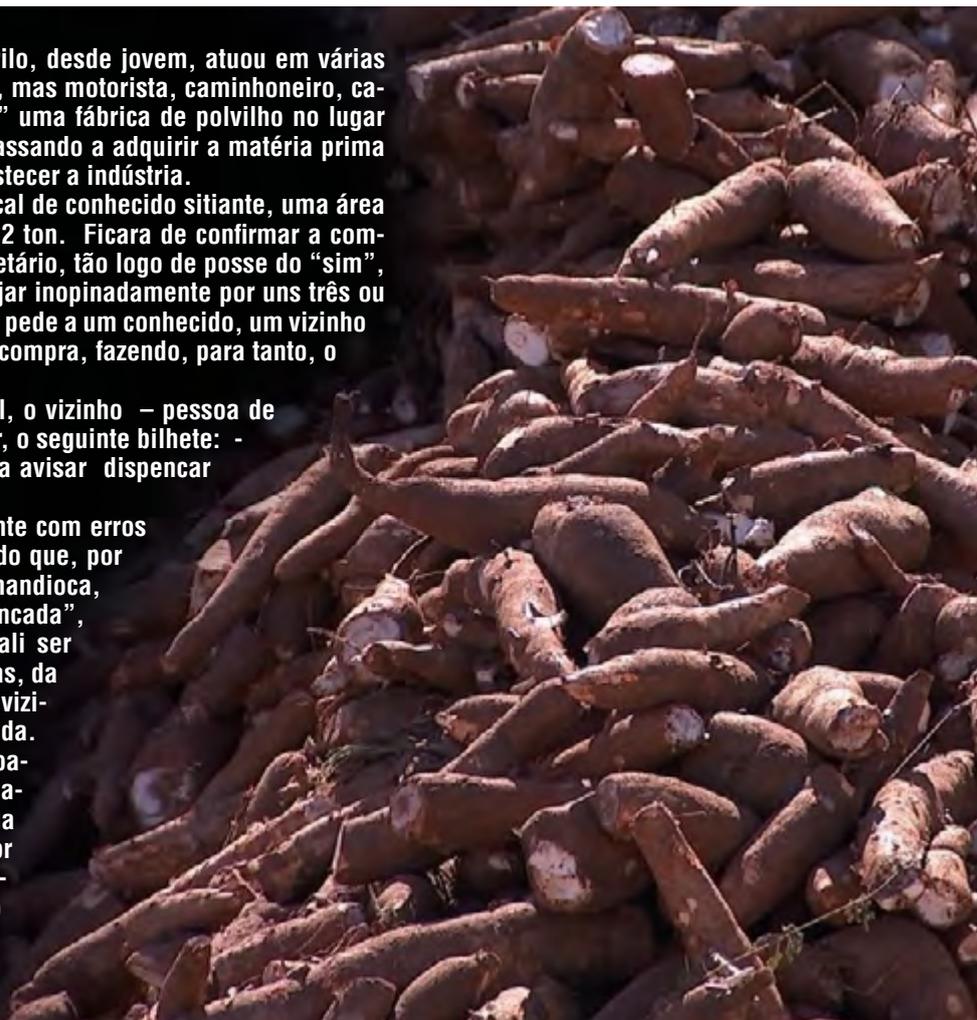
José Mauril de Castro, o nosso popular Zé Murilo, desde jovem, atuou em várias atividades e profissões, não só mercador de gado, mas motorista, caminhoneiro, ca-tireiro, fazendeiro, industrial. Certa feita, “tocou” uma fábrica de polvilho no lugar “Bernardino”, nas proximidades de São Tiago, passando a adquirir a matéria prima (mandioca) de produtores da região, a fim de abastecer a indústria.

Negociara, certa feita, a compra de um mandiocal de conhecido sitiante, uma área relativamente grande, produção talvez de umas 12 ton. Ficara de confirmar a compra – “fechar o negócio” – dessa forma, o proprietário, tão logo de posse do “sim”, faria a “arrancação” da mandioca. Tendo que viajar inopinadamente por uns três ou quatro dias, ausentando-se da cidade, José Murilo pede a um conhecido, um vizinho para “dispensar” a aquisição, ou seja desistir da compra, fazendo, para tanto, o devido comunicado ao dono do mandiocal.

De posse de caneta e precário pedaço de papel, o vizinho – pessoa de reduzida escolaridade - envia, através de portador, o seguinte bilhete: - “Zé Murilo tá viajando por esses três dias; manda avisar dispensar a mandioca”

O sitiante, de posse do comunicado – obviamente com erros de grafia e de significado – se assusta, entendendo que, por aqueles próximos dias, José Murilo buscaria a mandioca, que, para tal, deveria estar devidamente “despencada”, ou seja arrancada e reunida em talhões para dali ser transportada até a indústria. Lança mão, às pressas, da mão de obra de familiares e trabalhadores das vizinhanças para arrancar da terra a produção negociada.

Espera dois, três, quatro dias. Mandioca amontoada. Nem sinal do José Murilo. Desloca-se até a cidade, encontrando-se com o comprador que, por sua vez, se sobressalta. Seu recado, mal redigido por seu amigo ou não compreendido pelo sitiante, surtira resultado inteiramente contrário. José Murilo não teve outra saída senão buscar a mandioca, já com riscos de “azedar” e beneficiá-la de pronto.



PROBLEMA DA CEDILHA

Era daqueles políticos da velha guarda, dono absoluto dos votos da região, para ele carregados, às dúzias e às glosas, a cada eleição. O homem ocupava, dessa forma e se eternizava, já há vários pleitos, no cargo de deputado.

Época de seca brava, gado definhando por aqueles cerradões, mortandade elevada de reses, levando temor e desalento aos fazendeiros de tão sofrida, ressequida área. Numa de suas idas à cidade, o pessoal pede-lhe conseguir junto ao governo, a doação de sal mineral, imprescindível, segundo informações do veterinário da localidade, para o fortalecimento do gado. O político anota o pedido numa folha solta de papel, dizendo que iria ver o que fazer.

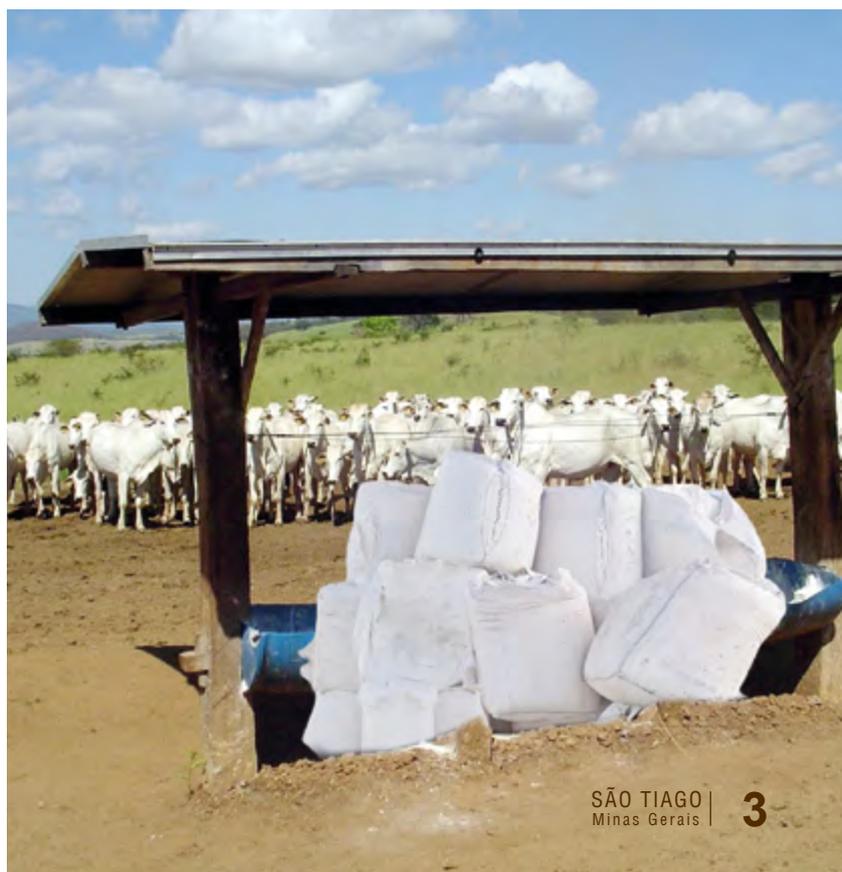
Dali a uns vinte dias, uma frota de caminhões enlonados chega à sede da cooperativa local – carga pesada, pelo que se podia observar, chamando a atenção geral. Era o tão esperado sal. Aberta a carroceria, a grande surpresa; - era tudo cal hidratado próprio para construções.

Alguém liga, queixando-se ao deputado: - O sr. mandou foi cal. O que vamos fazer com isso, pois não serve para o gado...

O homem, um raposão de todo tamanho, esclarece:

- Ué, gente, na hora de transcrever o pedido de vocês, esqueci de por a cedilha no “c”.

(causo narrado pelo nosso distinto amigo sr. Reginaldo Dias Machado, presidente da Cooperativa de Crédito SICOOB de Frutal, o inigualável contador de causos Zarur)



O viajante Alemão VON ESCHWEGE e sua passagem por nossa região agosto de 1816 (2ª parte)

Von Eschwege adotava o sistema de extensivas anotações em cadernos, onde se mesclavam relatos de viagens, legislação, estatística de vendas de diamantes, observações e notas múltiplas sobre geologia, geografia, finanças públicas, história, administração, transcrições de “bandos” (decretos), tabelas de receitas e despesas do Erário Real, informações sobre tribos indígenas, textos de autores portugueses e brasileiros etc. Uma miscelânea de dados, com informações por vezes fragmentadas, sobrepostas, daí o próprio autor alertar que não se esperasse “um quadro acertado, harmonioso em todas as suas partes”

Tradutores e estudiosos que tiveram acesso aos seus escritos em alemão (alguns textos originais ou fotostáticos em português) como Domicio de Figueiredo Murta e Roberto Borges Martins, à falta de tecnologia informatizada à época, tiveram que reproduzi-los a partir de calhamaços de folhas de almaço, escritos a caneta tinteiro, rabiscados com lápis vermelho e assim revistos.

Para a abordagem da passagem de Eschwege por nosso meio, valemo-nos da obra “Brasil, novo mundo”.⁽¹⁾

Além de sua passagem pelo “Caminho de Goiás”, objeto de nosso presente estudo, Von Eschwege atuou na região de São João Del-Rei, em especial no recenseamento de lavras em 1814, que pode ser acompanhado pelos leitores em sua obra “Pluto Brasiliensis”.⁽²⁾

Seu itinerário em nosso meio – Agosto de 1816 – (extraído do Livro “Brasil, Novo Mundo”, vol. 1) - Saindo de Vila Rica, em 01/08/1816, Eschwege, para tornar a viagem “mais produtiva no que toca à geologia e a geografia”, utiliza-se “dessa vez o caminho principal que liga Vila Rica à província de Goiás, via Tamanduá e Bambuí” (p. 62) Informa o viajante que “deixo de fazer o relato dos primeiros dias de viagem, pois na descrição das realizadas anteriormente, que ainda farei, mencionarei aquelas regiões: Congonhas do Campo, perto da qual se acha a fundição de ferro por mim construída e a fazenda do Coronel Romualdo, situada do outro lado da serra da Boa Morte, a 11 léguas de Vila Rica”.

Após demorar alguns dias na fundição e na fazenda, no dia 06/08 afasta-se do “longo desvio ao longo do Rio Paraopeba”, seguindo o rumo sul, via Boa Morte, “passando pelas fazendas do Padre Antônio, Albergaria, Santa Cruz, João Ribeiro e Brumado, onde o caminho cruza com a estrada principal. Até esse ponto, são sete léguas. Para percorrê-las, gasta-se quase o dia inteiro, pois o caminho é péssimo” (p. 63)

Esclarece von Eschwege que “essa região ao longo do Paraopeba, poderia denominada de celeiro de Vila Rica, sendo tidas como as mais férteis da capitania” “Os produtos principais são o milho, o feijão, o algodão negociados em Vila Rica e às vezes em Sabará, exceto o algodão, que é enviado para o Rio de Janeiro” (p. 63)

Enfatiza von Eschwege quanto aos métodos de cultivo da época: “Como é hábito entre os lavradores, estes procuram arrancar tudo da terra, no espaço

de um ano. É da índole nacional não cuidar do futuro (...) Explora a terra além do que lhe seria permitido, sujeitando-a a uma exploração predatória. Não a aduba, nem lhe dá tempo para a renovação da camada orgânica...” (p.63) “O agricultor (...) acaba por transformar sua terra fértil em árida estepe, onde brotam apenas samambaia e caniço, como é o caso da maioria dessas regiões” (p.64)



Mais comentários sobre a índole (inércia) do brasileiro: “Como característica da índole nacional, o vício dos brasileiros de raramente tomarem a iniciativa de fazer alguma coisa antes que seja tarde. Esperam sempre por um precedente...” (p.65)

Faz referência às rochas primitivas da região e seus tipos como o granito com gnaíse, argilito, gnaíse ferruginoso etc. “As áreas atravessadas por meu caminho pertencem à paróquia de Congonhas do Campo”, esclarece o autor.

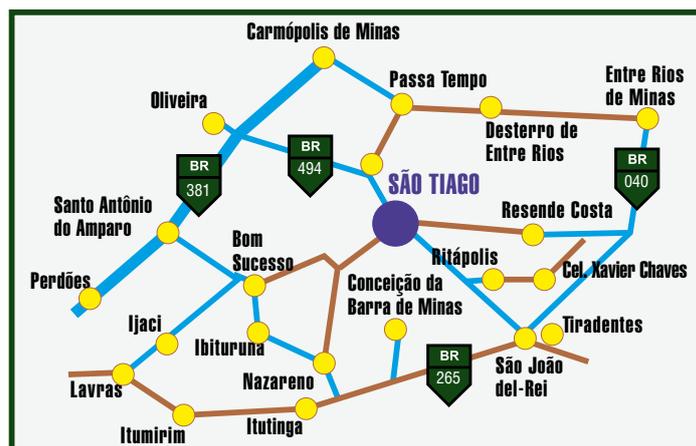
Após passar por Boa Morte (hoje Belo Vale) “pequeno povoado com uma bela capela” “formada por apenas 20 casas habitadas por artesãos, alfaiates e sapateiros ou utilizadas para tabernas onde se vende cachaça” (p. 64) chega a Brumado (atual Entre-Rios de Minas) “O arraial do Brumado é maior. Está situado em uma chapada elevada...” “... com suas construções novas e caiadas bem como a grande capela...” “Brumado é uma povoação de mais de 70 anos...” (p.65)

“Esta chapada é limitada por dois rios – Brumado e Camapuã (...) que nascem a oeste de Brumado, na região de Lagoa Dourada” Os dois rios “se unem em um ângulo agudo a cerca de um quarto de légua do povoado...” “O curso formado alonga-se por quatro léguas no rumo leste para desaguar no Paraopeba” (p.65)

Sobre as habitações, observa que as casas, via de sempre, são “choças miseráveis, de paredes esburacadas em vez de casas bem organizadas e limpas” (p.65).

Assusta-se com a (não) aplicação da lei: “...neste País, em qualquer causa, o ‘empenho’, vale mais do que o direito e a lei, o criminoso é quase sempre posto em liberdade e o comandante acusado de injustiça...” (p.66) Observa que as autoridades locais (comandante do distrito), como pôde observar em Brumado, dispõem de poder apenas para punir delitos leves, gerando morosidade ou impunidade para os “grandes”. “Nos crimes mais graves, o prisioneiro, após interrogado, teria que ser encaminhado à autoridade superior, o capitão mor” (p.66)

Fazenda das Éguas - 07/08 – “Em virtude da marcha forçada do dia anterior, fui obrigado a reduzir a de hoje, sendo informado que nenhum abrigo existia na distância de muitas léguas. Assim, percorri apenas três léguas e meia até a fazenda das Éguas” (município de Resende Costa) (p.67) “...o fazendeiro estava ausente, fez-lhe as vezes a esposa que me recebeu com extraordinária hospitalidade. Um quarto limpo e boa cama já haviam sido preparados” “Travando conversa com a minha hospedeira, fiquei logo sabendo toda a história da família. O assunto principal girou em torno do amor que dedicava às filhas, das quais duas já casadas” (p.67) (ver box – Fazenda das Éguas)⁽³⁾. “Na mencionada fazenda, encontrei numerosos perdigueiros muito bons. E, como chegara cedo, passei o resto do dia caçando codornizes, muito abundantes na região, formada de estepes e campos apropriados à criação de cavalos” (p. 69).



Saindo da fazenda das Éguas ⁽⁴⁾ na manhã do dia 08/08, Von Eschwege faz referências, em seu trajeto, por onde não encontra viva alma, aos “morros desnudos”, às rochas primitivas da região, parcialmente aflorantes (granito, gnaiss), aos “rasgões profundos feitos pelas nascentes, cujas águas lavam continuamente e arrastam o cascalho solto” (p.70) “Nas proximidades da fazenda das Éguas, reaparece o granito de textura granular muito fina, como hematita compacta, com mica preta e hornblenda. Mais adiante, a mica perde o brilho e é substituída pelo anfibólio, passando o gnaiss a sienito, que forma os cabeços montanhosos” (pp.70/71).

Travessia por terras e divisas entre os atuais municípios de Passa Tempo, São Tiago, Oliveira - Saindo da Fazenda das Éguas, passa pela fazenda do Miranda, dali “depois de uma caminhada de quatro léguas” à fazenda da Ponte Alta. Faz observações sobre a lombada e divisor de águas que correm para dois importantes rios brasileiros (rio Grande e rio São Francisco) (p.71) Chega após ao morro da Carapuça, que lhe parece ser o ponto mais elevado naquele planalto, a que foi impedido de galgá-lo, avaliando sua altitude em 3.175 pés (cerca de 1.220m) e que “se constitui de hematita compacta e de magnetita” (p.71) Torna a esclarecer que “a principal formação rochosa da região é, às vezes o granito, às vezes o gnaiss” (p.72)

“A cerca de meia hora do arraial de São João Batista, encontra-se um extenso depósito de diabásio (...) rocha que se presta, devido ao seu bonito aspecto, para a escultura: bacias batismais, altares e objetos de uso caseiro” (p.72) Após encontrar em Oliveira, “amostras trabalhadas e polidas pela mão humana (...) poder-se-ia classificar essa rocha como pórfiro anfibolítico contendo talco” (p.72)

No arraial de São João Batista (Morro do Ferro) - “Quase às quatro horas, cheguei ao arraial de São João Batista que compreende uma pequena capela e meia dúzia de casas, cujos proprietários moram na roça. A região aqui é também muito elevada, fria e seca, de topografia, porém, menos acidentada que a mencionada atrás. E quase desprovida de morros” (p.72)

“Abriguei-me, depois de uma marcha de três curtas léguas em uma estalagem-venda de cachaça, onde achei, a custa de bom dinheiro, apenas o estritamente necessário...” “Ali também arranchara um comerciante de algodão que transportava esse produto em semente para o Rio de Janeiro, onde era vendido. Não poderiam ser maiores a negligência e a falta de tino comercial. Até parece que o calor do sol derrete, às vezes, a inteligência dos brasileiros, pois é inacreditável que se possa exportar o algodão em semente. É tão fácil descascar a fibra, que bastam, para tanto, dois pequenos cilindros movimentados manualmente a água ou mesmo por uma criança”

Continua, estupefato, o viajante: “Durante quantos dias por ano deixam os escravos de trabalhar em virtude do mau tempo! Nesses períodos, não

poderiam eles trabalhar no descaroçamento?! Se adotasse esse meio, haveria uma grande vantagem, representada pela economia nas despesas de transporte, pois em primeiro lugar, 32 libras de algodão em caroço equivalem a 8 libras apenas de fibra; em segundo, o preço mais elevado que se obtém do algodão limpo, já que 100 libras do primeiro alcançavam, na ocasião, 2\$400 contra 12\$000 do segundo” (p.73)

“10 de agosto – Às 8 da manhã, despedi-me do estalajadeiro e negociante de cachaça (...) Também, ao longo do percurso deste dia, umas boas 5 léguas, até o arraial de Oliveira, o caminho continuava deserto. Avistei apenas muito pouca gente. Todos os córregos – e os atravessei em grande número – carregam muita areia, sempre em movimento, para o rio Grande.

A rocha regional é também ali o gnaiss com camadas de anfibólio. O gnaiss apresenta-se, às vezes, em transição para o sienito, como ocorre nas vizinhanças do lugar chamado Guilherme e na fazenda do Fradito (...) após descer um morro, onde há um lavadouro de cascalho aurífero abandonado, vê-se um sienito em transição para gabro e anfibólio” (p.73)

Cerca de uma légua antes de chegar ao arraial de Oliveira, atinge-se um ponto muito elevado sobre a chapada, o morro do Diamante” (p.74) Perto das 5 horas, alcancei o mencionado arraial, que conta 200 fogos aproximadamente. Era domingo e por isso, havia muito movimento no povoado, que fica em local elevado e é constituído de uma rua larga que se transforma em uma ampla praça junto à igreja” (p.74)

Na extremidade oposta do arraial, ficava o meu pouso, uma estalagem (...) Como precisava de um guia que me conduzisse à vila de Tamanduá, pedi ao comandante do distrito que me arranjasse. Essa autoridade, acompanhada de pessoas de prol do lugar, vem logo visitar-me, prometendo um guia que iria apresentar-se em determinada hora. Não confiei na promessa, pois a experiência já me ensinara que tais autoridades são pouco ativas e que ainda, suas ordens nem sempre eram acatadas. Não me enganara. O meu soldado, na manhã seguinte, teve de caçar guia até as 9 horas (pp. 74/75)

Oliveira pertence à paróquia de São José, distante 16 léguas. Seus habitantes vivem do comércio e plantio do algodão (p. 75)

11/08 - O viajante informa: “Depois de liquidar minha conta, bem elevada para tão má hospedagem (...) pus-me a caminho. “...deixei o caminho reto que leva a Formiga, tomando a direita. Prosseguei por campos limpos e pelo caminho que, através da mata, leva a Tamanduá. Após cinco léguas e meia de caminhada, alcancei a fazenda do Vicente, onde encontrei excelente acolhida” (p. 75) A partir daí, o autor – rumo aos sertões - menciona suas passagens por diversas localidades: Tamanduá, Formiga, fazenda do Padre Barnabé (Ribeiro da Silva), Porto Real de São Miguel, Bambuí, Córrego da Anta, arraial das Dores (do Indaiá), Cachoeirinha, Araxá, Pium-i etc (pp.75/136)

NOTAS

(1) “*Brasilien – die neue Welt*” (“*Brasil, novo mundo*”) foi publicado originalmente em 1824 em Braunschweig, Alemanha. Utilizamos, após muita procura em livrarias, sebos, bibliotecas, de exemplar vol. I, editado pela Fundação João Pinheiro, 1996, onde o viajante fala-nos de sua travessia pela região.

(2) *Dentre as lavras recenseadas por Von Eschwege na região merece(m) referência as de Pe. Francisco Ferreira da Silva (1722-1843), célebre proprietário da Fazenda do Tanque, em Conceição da Barra. Saint Hilaire faz menção igualmente à esta fazenda, por onde passou, em março de 1819, quando de sua travessia pela região (ver matéria em nossos boletins nº CXXXVIII - mar/2019 e nº CXI - dez/2016.*

(3) *Provavelmente, os proprietários da Fazenda das Éguas fossem José de Miranda Ramalho e Maria Rodrigues da Silva que teriam hospedado Von Eschwege (D^a Maria Rodrigues era filha de André Rodrigues Chaves e Gertrudes Joaquina da Silva), casados em Prados aos 17-08-1795 que, à época, tinham já 2 filhas casadas e 2 solteiras. José de Miranda Ramalho e parte da família mudar-se-iam para o sertão (Prata) em 1823, onde já residia seu poderoso irmão Miguel Teixeira de Carvalho.*

(4) *A Fazenda das Éguas, cuja sede subsiste, ainda que bastante deteriorada, situa-se na região do Ribeirão de Santo Antônio, a cerca de 23 km da sede do município de Resende Costa. Sua origem data de 1747, quando da concessão das primeiras sesmarias em nossa região. Tombada pelo Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural de Resende Costa pela Lei n. 82 de 30-10-2007 (Ver box sobre a mencionada fazenda, nessa edição)*

FAZENDA DAS ÉGUAS

A Fazenda das Éguas foi propriedade, em meados do século XVIII, do casal Pedro Rodrigues de Arvellos e Maria Theresa de Jesus, arrolada no inventário desta com “casas com cozinha de pedra” e outras benfeitorias. O mencionado casal, que teve nove filhos, foi ainda proprietário(s) e residente(s) na Fazenda de Nossa Senhora da Glória (hoje Glória) em Santa Rita do Rio Abaixo.

D^a Maria Theresa era natural da freguesia da Sé, cidade do Porto onde foi batizada por volta de 1720, filha legítima de Manoel da Costa Pacheco e Marinha Pereira, tendo vindo para o Brasil ainda

criança. Pedro Rodrigues de Arvellos era natural de São Martinho das Nações, comarca de Coura, arcebispado de Braga (Projeto Compartilhar – Os Arvellos)

Sabe-se que a Fazenda das Éguas, por volta de 1780, pertenceu/ passou a Bento Gonçalves da Costa, natural de São Paio da Vila dos Arcos de Val da Vaz, do termo de Valença, arcebispado de Braga, filho legítimo de Manoel Gonçalves da Costa e Simoa da Costa.

Bento Gonçalves foi casado, em primeiras núpcias, com Maria Joaquina da Costa (ou Souza), falecida aos 06-12-1792, tendo ge-

ração (1) Viúvo, casou com Maria Teixeira de Carvalho aos 16-06-1798 na capela de Santo Antônio de Lagoa Dourada, não tendo filhos nesse casamento. Maria Teixeira de Carvalho, por sua vez, era viúva de João de Miranda Ramalho (2) tendo os seguintes filhos (deste seu 1º consórcio): com João de Miranda Ramalho.

I. Manoel de Miranda Ramalho, nascido em 1766, desassissado, sendo seu curador o irmão Cap. Joaquim de Miranda Ramalho. Em 1831, aos 60 anos, era agricultor em Lagoa Dourada, segundo o censo e proprietário de sete escravos;

II. Maria Luiza de Miranda, casada aos 16-07-1784 com Bento Gonçalves de Carvalho, natural de Congonhas do Campo, tendo os filhos: 1. José Gonçalves; 2. Antônio Gonçalves de Miranda; 3. Bento Gonçalves de Miranda, negociante em Lagoa Dourada; 4. José Gonçalves de Miranda; 5. Floriania Luiza casada aos 17-02-1806 em Prados com João da Silva de Andrade; 6. Felícia c/c Manoel Joaquim (ou Jardim); 7. Theodora c/c ...Freitas.

Dª Maria Luiza de Miranda já era falecida aos 18-04-1821, sendo representada no inventário por seus sete filhos.

III. José de Miranda Ramalho casou aos 17-08-1795 na capela de Santo Antônio de Lagoa Dourada com Maria Rodrigues da Silva (ela nascida por volta de 1775, natural e batizada na freguesia de Prados), tendo os filhos Maria Joaquina, Ana, Joaquim, José, João, Barbara, Constância, Gertrudes, Francisco, Antônio José de Miranda. Antônio José de Miranda era sobrinho, afilhado e foi o herdeiro universal dos tios João de Miranda Ramalho e Valentina Joaquina da Silva, deles herdando a Fazenda do Capão Seco. Por rixas com o irmão João, segundo pesquisadores (fonte: "Povoadores do Sertão do Rio da Prata" autoria de Benedito Antônio Miranda T. Borges), José de Miranda Ramalho mudou-se para o sertão (Triângulo Mineiro) em 1823, onde já residia, desde 1818, seu irmão Miguel Teixeira de Carvalho. (Ver Box – Descendência de José de Miranda Ramalho) (Fonte: "Povoadores do Sertão do Rio da Prata" - Benedito Antônio Miranda T. Borges)

IV. Joaquim de Miranda Ramalho casado aos 04-02-1796, na capela da Lage (Resende Costa) com Joaquina Plácida de Souza, nascida aos 26-12-1777 e batizada em janeiro de 1778, filha de Bento

Gonçalves da Costa e Maria Joaquina de Souza, esta falecida aos 06-12-1792. O casal, segundo apurado, teve a filha Ana Gonçalves de Miranda c/c Cap. Severino Rodrigues Chaves, na capela de Lagoa Dourada, aos 23-11-1814

V. João de Miranda Ramalho – natural de Lagoa Dourada, era "senhor de várias datas de terras e águas minerais no arraial de Lagoa Dourada". Proprietário de várias fazendas, dentre elas a Bandeirinha e Capão Seco, adquiridas de herdeiros. Casou aos 16-07-1798 na matriz de Prados com Valentina Joaquina da Silva (falecida aos 26-12-1845), filha de André Rodrigues Chaves e Gertrudes Joaquina da Silva. Casal sem descendência, tendo nomeado como herdeiro universal o sobrinho e afilhado Antônio José de Miranda, que, no censo de 1831, aparece com 16 anos, morando em companhia de João e Valentina, na condição de "dependente"

João de Miranda Ramalho ditou seu testamento aos 24-09-1830, aberto aos 22-01-1832, nomeando como testamenteiros a viúva Valentina Joaquina da Silva e seu cunhado o Revdº Vigário Antônio Rodrigues Chaves.

Em seu testamento, datado de 08-12-1845, (Cx. 131 – ano 1851 _MRSJDR), Dª Valentina Joaquina da Silva, viúva do Cap. João de Miranda Ramalho, nomeou como testamenteiros em 1º lugar o sobrinho, afilhado e herdeiro universal Antônio José de Miranda, em 2º lugar o irmão (dela) Manoel Rodrigues Chaves e em 3º o também irmão Severino Rodrigues Chaves. Testamento aberto aos 26-12-1845.

(Fonte: *Antepassados de Honorina Pereira Nunes de Miranda – familiavieiraferreira3.blogspot.com/2011/.../Teixeira-de-carvalho.ht*, acesso em 04-12-2017)



(VI) Dª Maria Teixeira de Carvalho registrou e reconheceu ainda em seu testamento um filho natural - sem declaração de paternidade, havido quando era viúva e antes de seu 2º casamento com Bento Gonçalves da Costa – Era ele o Guarda Mór Miguel Teixeira de Carvalho, casado, morador no sertão da Farinha Podre (Triângulo Mineiro). Miguel Teixeira de Carvalho foi batizado em Prados aos 06-06-1782. Casou aos 01-08-1803 na capela de Lagoa Dourada com Ana Vicência de Jesus, nascida em Lagoa Dourada em 1781, filha de João Bernardes Pacheco e Inocência Maria de Freitas. Homem poderoso, proprietário da Fazenda Paraíso em Prata, tendo 66 escravos. Manteve litígios, sendo réu em ação movida por Caetano Alves de Magalhães na Comarca do Rio das Mortes (tendo Miguel Teixeira comparecido em juízo em 1829) por questões que envolviam "cartas de seguros" de escravos. Barbaramente assassinado no Prata, Triângulo Mineiro, em 1838 por dois pistoleiros vindos de Lagoa Dourada.

Bento Gonçalves da Costa faleceu aos 17-02-1822, nomeando como testamenteiros seus filhos, em 1º lugar o Cap. Antônio Gonçalves da Costa, em 2º lugar o Alferes Feles (Félix) Gonçalves da Costa e em 3º o Alferes Manoel Gonçalves da Costa. Seu testamento foi aberto aos 17-02-1822.

No inventário, a Fazenda das Éguas é descrita como "bens de raiz": "Uma fazenda na Aplicação da Lage denominada o Ribeirão de Santo Antônio da Fazenda das Éguas, que se compõe de casas de vivenda cobertas de telha com seus currais e quintais

cercados de pedra com terras de culturas de capoeiras e alguns matos virgens e uma grande porção de campos, de uma parte se divide com o Padre Francisco Pinto de Góes e Lara e da outra com os herdeiros do falecido João Vieira Lopes", avaliada em 6:000\$000

O casal Bento Gonçalves da Costa e Maria Teixeira de Carvalho vivia separado: ele na Fazenda das Éguas (Resende Costa) onde ditou seu testamento e ela residente na Fazenda do Capão Seco (Lagoa Dourada).

MARIA TEIXEIRA DE CARVALHO – Era ela natural da Aplicação de Lagoa Dourada, onde foi batizada na capela de Santo Antônio aos 04-11-1747, filha de Domingos Teixeira de Carvalho e Luiza da Costa Ferreira (3) Casada em 1ªs núpcias com o Cap. João de Miranda Ramalho. Por não saber ler nem escrever, ditou seu testamento a Miguel Gonçalves Ribeiro na Fazenda do Capão Seco aos 21-10-1821, onde veio a falecer aos 25-01-1822. Nomeou como seus testamenteiros, em 1º lugar os filhos Cap. João de Miranda Ramalho e o Cap. Joaquim de Miranda Ramalho e em 2º lugar os filhos José de Miranda Ramalho e Miguel Teixeira de Carvalho. Determinou no testamento, entre outras coisas, ser enterrada com o "hábito de Nossa Senhora do Carmo na capela ou matriz ao pé do

altar da Senhora Santa Ana"

Embora iletrada, Dª Maria Teixeira de Carvalho demonstra, a partir de seu(s) testamento e inventário, ser pessoa com alto senso administrativo, zelando, comandando firmemente e fazendo prosperar o vasto patrimônio familiar, conciliando as relações por vezes conflituosas entre filhos, além de avançada em suas atitudes: se conheceu um filho natural (Miguel) enquanto viúva e separando-se do 2º marido, Bento Gonçalves da Costa, com quem se casara na matriz de Lagoa Dourada aos 16-06-1795, consórcio sem geração, atitudes incomuns e arrojadas para a época.

(Projeto Compartilhar – Maria Teixeira de Carvalho / Miranda Carvalho / Gonçalves da Costa)

THOMAS MERTON E SANTA TERESINHA DE LISIEUX

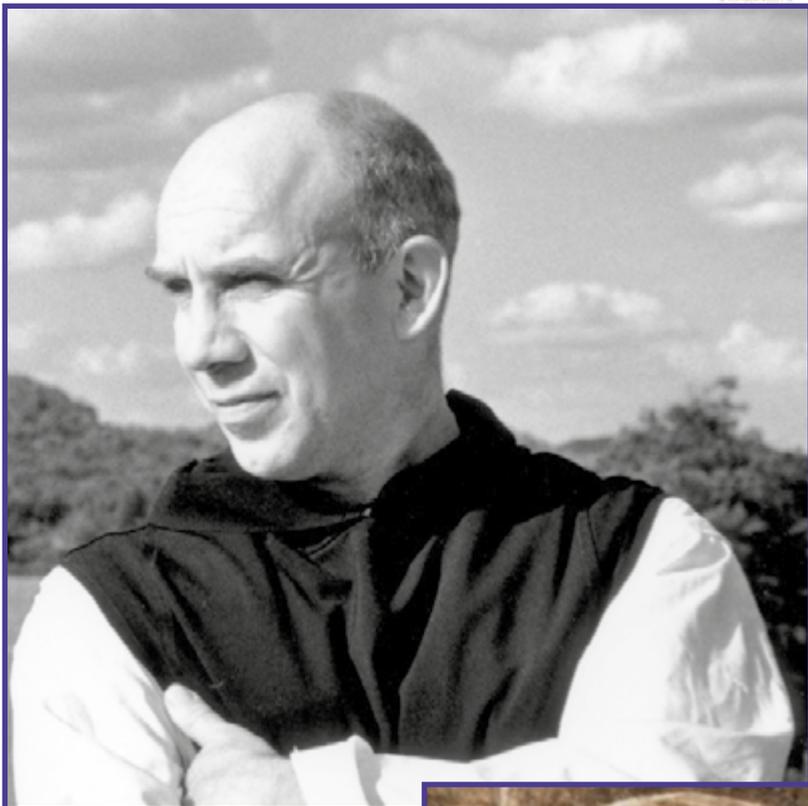
Thomas Merton (31/01/1915-10/12/1968) famoso monge trapista da Abadia de Getsêmani, Kentuck, Estados Unidos, escritor, filósofo, ativista social, ecumenista e estudioso das religiões comparadas, foi considerado a maior figura viva e lumiar de seu tempo, o “Santo Agostinho” do século XX, Autor de mais de 70 obras, entre elas “Trinta Poemas”, “A Montanha dos sete patamares”, “Um homem no mar dividido”, “Figuras para um Apocalipse”, “O exílio termina na glória”. No prólogo de sua obra “Águas de Silóé” (“The Waters of Siloe”) Ed. Itatiaia, tradução de Tristão de Ataíde, ele narra um interessante e impressionante caso envolvendo Santa Teresinha de Lisieux (Santa Teresinha do Menino Jesus), operosa e iluminada religiosa, de naturalidade francesa, que viveu entre 1873 e 1897. Beatificada pelo Papa Pio XI em 19-04-1923 e canonizada dois anos depois. Acompanhemos a impressionante leitura.

“Tarde da noite. A maior parte dos cafés de Paris cerrou suas portas, baixou seus postigos, trancando-se para o lado da rua. Luzes refletem-se brilhantemente nos passeios úmidos e vazios. Um táxi pára para pegar um passageiro e parte de novo e a luz vermelha da traseira desaparece ao dobrar da esquina.

O homem que acaba de apagar-se, segue um empregado pela porta giratória até o vestíbulo de um dos maiores hotéis de Paris. Sua mala de mão pintalga-se de etiquetas com os nomes dos hotéis que existiam nas grandes cidades europeias antes da Segunda Guerra Mundial. Mas o homem não é um turista. Vê-se logo que é um homem de negócios e importante. Não é essa espécie de hotel procurada por meros voyageurs de commerce. Um francês, evidentemente, e caminha através do vestíbulo como um homem acostumado a hospedar-se nos melhores hotéis. Para um instante, procurando no bolso algum dinheiro miúdo e o empregado vai à sua frente até o elevador.

Sente, de súbito, o viajante que alguém está olhando para ele. É uma mulher e, para espanto seu, traz hábito de monja.

Se conhecesse algo a respeito dos hábitos usados pelas diferentes ordens religiosas, reconheceria a capa branca e o burel castanho das Carmelitas Descalças. Mas como um homem na sua posição haveria de saber alguma coisa a respeito das Carmelitas Descalças? É demasiado importante e demasiado atarefado para se preocupar com monjas e ordens religiosas... ou com igrejas a propósito, embora ocasionalmente vá à missa pró-forma. O mais surpreendente de tudo é que a freira está sorrindo e está sorrindo para ele. É uma jovem irmã, com um brilhante e inteligente rosto de france-



sa, cheio do candor de uma criança, cheio de bom senso e seu sorriso é um sorriso de franca e indisfarçada amizade. Instintivamente leva o viajante a mão ao chapéu, depois torna a voltar-se e dirige-se apressado á gerência, garantindo a si mesmo que não conhece freira alguma. Ao assinar o registro, não pôde deixar de lançar uma olhadela para trás. A freira já fora embora. Largando a pena, pergunta ao empregado:

- Quem é essa freira que acaba de passar por aqui?

- Peço-lhe perdão, cavalheiro, mas que é que o senhor diz?

- Aquela freira...quem é, afinal? Aquela que acaba de sair e sorriu para mim?

O empregado arqueia os supercílios.

- O senhor está enganado, cavalheiro. Uma freira, num hotel, a esta hora da noite?! Freiras não andam vagando pela cidade e sorrindo para homens!

- Sei disso. E, por isso mesmo, gostaria que o senhor me explicasse o fato de haver uma freira aparecido e sorrido para mim agorinha mesmo, aqui nesse vestíbulo.

O empregado encolhe os ombros.

- O senhor foi a única pessoa que entrou ou saiu nesta última meia-hora.

Não muito tempo depois, o viajante, que vira uma freira no hotel parisiense, não era mais um importante industrial francês e sabia algo a respeito de hábitos religiosos. Na realidade, usava um...Tornara-se trapista numa abadia do sul da França. (...)

O que se deve salientar nesta história é que ela é verdadeira. Aquele irmão leigo vive hoje na abadia de Aiguebelle e a razão de achar-se ai pode ser rastejada até o fato de haver entrado numa noite num hotel de Paris e ali haver visto uma freira sorrindo para ele, embora o empregado lhe afirmasse que nenhuma freira ali se achava. Poucos dias depois vira ele um retrato da mesma freira numa casa de amigos. Disseram-lhe que se chamava Santa Teresa do Menino Jesus”.

(Do livro “Águas de Silóé”)

“Cuidado com os olhos verdes”

Cuidado com os olhos verdes

(Pg. 90, MEMÓRIAS 1 Do Belo Vale ao Caraça - Antônio de Lara Resende)

Lembra-me que Carmem foi o nome proposto por Conceição quando, antes do batizado, tomavam lá em casa a criança para levar à igreja. Ali, presente, sempre especula e abelhudo, no vocabulário então corrente, eu entendi de meter a minha colher de pau: "ponham nela o nome de Amaziles, que é muito mais bonito do que Carmem". E mamãe teve que explicar as razões de minha preferência. Ficaram-me na cabeça o nome desde que o ovira de mamãe, que me explicara que Amaziles era sua amiga do nome e mocidade, e também madrinha do mano Godofredo.

Anos depois, em Juiz de Fora, quando já velho, cabisbaixo, andando para lá e para cá, a fazer seu cigarro muito fino nde palha e fumo de rolo, Aquim uma vez me perguntou: "como é, Antônio, você ainda acha bonito o nome Amaziles?"

Antônio foi um dos quatro amigos que papai sempre citava como os melhores que tivera na vida, ao lado de Francisco das Chagas Rodrigues, Francisco Eugênio de Resende Rangel e Tomás Ribeiro da Silva. No fim da vida, Chico das Chagas, em São João del Rei, tinha os olhos úmidos, quando recordava os dias de meninice e adolescência ao lado de papai, na fazenda do Rio do Peixe.

Tomás Ribeiro, já velho e cego, quando visitado por mim, na mesma cidade para onde se mudou depois de ter entregue a Fazenda aos filhos, gostava, também, de rememorar suas aventuras ao lado de papai. E punha-se a contar histórias engraçadas, de quando ia ao Rio do Peixe, fazenda onde papai passou a infância.

Fica aqui a seguinte que só me contou depois de ter tido licença de D. Olímpia, sua segunda consorte.

Teria ele os seus dezesseis anos e andava apaixonado por tia Maria da Glória, que devia andar pelas suas quinze primaveras. A crer na opinião do narrador – suspeita por estar ele ferido pelas flechas de Cupido – tia Glória era uma garota encantadora, cujos olhos verde-azuis eram de matar quem os fitasse, como ele vinha fazendo desde muito até o ponto de viver pretextando necessidade de ir à Fazenda do Rio do Peixe com grande frequência.

E foi-se firmando entre ele e papai uma amizade que nunca desapareceria. Robusto, ágil e corajoso, o jovem enamorado Tomás montava qualquer potro, por mais bravo e saltador que fosse. Por isso, costumava também laçar garrotes no curral, para montar e apostar equilíbrio e segurança, enquanto o animal saía aos corcovos, para se libertar do atrevido cavaleiro.

De todos que lá ousavam dar-se a esse esporte, comum, aliás, nas fazendas mineiras, era Tomás o mais resistente, o que menos caía. Corcoveava o garrote por ele cavalgado, até se esbofior e, de língua para fora, encostar a cabeça à parede ou muro, a berrar, esfalfado e entregue.

Certo domingo, os rapazes da Fazenda, presente também Tomás, entregavam-se aos brinquedos de salão usados na época, e tia Glória (é Tomás quem informa e opina) era a mais bonita, a mais radiante de todas. E ele a derreter-se em agrados.

Num intervalo, um dos presentes amissa um desafio: "ô Tomás, dizem aí que não existe garrote ou novilha que você não consiga cavalgar sem cair. É verdade?"

– "Até hoje tem sido assim," responde ele, de olhos nos olhos verde-azuis da namorada, cuja graça e donaire constituía já um poema de seus quinze anos.

– "Pois, então, vamos ao curral, que queremos ver você domar a Gazela..."

Era uma linda novilha de propriedade de Sinhá Moça, cujos olhos o estavam enfeitando. O fato deve ter ocorrido aí pelo ano de 1872. Era ainda o tempo em que as meninas fazendeiras traziam o belo nome gentil de "Sinhá Moça", na boca da escravaria

e d'ns poetas.
Que podia dizer Tomás? Que podia responder, quando sobre ele caíram os dois olhos fulgurantes da namorada, que nem duas estrelas feitas de liga brilhante da safira e da esmeralda?

Pinta-a no Olimpo, dominando-o todo
Com esses olhos claros;
Belos e verdes... verdes desse modo,
São mais preciosos porque mais raros.

Não sobre negros, hórridos escolhos,
Mas de um outeiro célebre na falda,
A esmeralda do Egeu voltando os olhos,
Dois úmidos abismos de esmeralda...

Raimundo Correia

– "Não acredito que essa Gazela me venha desmoralizar." Foi a resposta do jovem enamorado.
– "Vamos então ao curral?"
– "Vamos!"

E lá se foram os rapazes laçar e subjugar a Gazela, para que Tomás confirmasse a fama que trazia de peão que nenhum animal fazia lambar a terra. Moços e velhos foram para as janelas, enquanto os rapazes desciam para o terreiro. Minutos depois, lá estava o valente e duro peão cavalgando a Gazela, que, apenas solta pelos que a tinham segura no laço, saiu aos pinótes, a berrar em fúria, tudo fazendo para se libertar do dominador.

Palmas, gritos e aplausos saudavam a dureza e o garbo com que o feliz namorado se mantinha firme no lombo da Gazela. Suavam ambos. Ela para fazê-lo lambar poeira. Ele, para ganhar prestígio diante da graciosa espectadora, de cotovelos fincados no peitoril de uma janela.

Já estafada, arquejante, a novilha foi encostar a cabeça à parede, justamente sob a janela em que Glória estava. Certo de duplo triunfo, Tomás achou poder tirar os olhos do cangote da Gazela, para os fixar na criatura que da janela o atraía. E tê-lo cheio de orgulho e vaidade e intimidação...

Foi a sua infelicidade. Enquanto ele procurava ler no sorriso da menina-moça o aplauso à sua perícia, eis que Gazela resolve tentar mais uns pinótes... E lá se foi Tomás, com toda a sua dureza, com todo o seu garbo...

Estatelado no chão, bem diante da janela que o perdera, ele nem pôde ver para que lado estourou a novilha quando se livra dele!...

– "Ah! parente – terminou o narrador – você não queira saber a via que tomei, o porco em que fiquei, e o efeito desastroso que teve aquilo sobre minha sorte. No dia seguinte cedo, nem café esperei. Fui tomar café em casa, a duas léguas de distância. Estava arrasado de vergonha. Até hoje sinto arrepio quando me lembro daquela tarde. E esse nome Gazela é para os meus ouvidos o mais danado que existe no mundo."

– "Mas, parente, e o namoro? Acabou?"

– "Aí é que está o pior! Envergonhado, eu fugi do Rio do Peixe. Morto de vergonha e de saudade, passei alguns meses sem voltar lá! Quando conseguí voltar, vi que a desgraça era dobrada, pois confirmou-se a notícia que eu já tinha. O malandro do zeca do Jacaré (José Cândido), que vivia a arrastar asa para a Glória, conseguiu me derrotar. O diabo morava lá perto. Quando viu que eu tinha fugido envergonhado, caprichou nos agrados e ficou com a minha namorada. Nunca perdoei ao Zeca essa traição. Nunca esqueci a derrota naquele dia e a cor dos olhos de sua tia. Ah, que olhos!... Como aqueles de você, Dona Olímpia, com a diferença que os da Glória eram verdes e os da Olímpia são

Dona Olímpia estava ali presente...

O presente texto "Cuidado com os olhos verdes" foi extraído da obra "Memórias I – de Belo Vale ao Caraça", autoria do professor, gramático e memorialista Antonio Lara Resende (1894-1988), pp. 90/93. O autor evoca a figura de Tomás Ribeiro da Silva, já idoso, cego, um dos grandes amigos de seu pai, ao lado de sua 2ª esposa Dª Olímpia Resende, narrando fatos e reminiscências pitorescas ocorridos na fazenda do Rio do Peixe. Tomás Ribeiro, visitado pelo autor, relembra passagens de sua existência, dentre elas aí pela década de 1870, quando jovem e frequentador da Fazenda do Rio do Peixe (divisas de São Tiago/Resende Costa) então propriedade de Joaquim Pinto Rodrigues Lara, avô do memorialista. Era Tomás, então, pretendente de Maria da Glória, a "sinhá moça", tia do escritor, querendo dar uma herói aos olhos da enamorada de "olhos verde-azuis" ali a assistir da janela da vetusta fazenda, aceita o desafio de cavalgar uma novilha, de sugestivo nome "Gazela", dando-se – duplamente - mal. Um desastre a exibição. Além do vexamoso tombo, que o fez afastar-se por tempos da fazenda, acabaria vendo a sua eleita volver os olhos para o rival José Cândido, o Zeca do Jacaré...

**Em pé da esquerda para a direita:**

Geraldo Procópio (Nhô) – Antônio Procópio Resende – esposa do Gabriel Procópio – Gabriel Procópio – Laura Procópio – José Procópio – Alcemira Resende – Carlos Procópio.

Sentados da esquerda para direita:

Esposa do Geraldo Procópio (Nhô) com uma criança no colo – Thomaz Ribeiro da Silva – Olímpia Resende – Ana Carolina de Andrade (matriarca) – João Procópio de Resende (patriarca) – Norvinda Procópio – Esperança Procópio.

Sentados ao rés do chão – crianças – Thomazinho e Conceição Ribeiro.

*Foto tirada em
Conceição da Barra de Minas -
1919*

*Foto e informações: Sr. Antônio
Fernando L. Coelho, a quem muito
agradecemos*

**FOTO DE 1932**

OBSERVAÇÃO: SE ALGUÉM CONHECER AS PESSOAS DESSA FOTO, FAVOR ENTRAR EM CONTATO

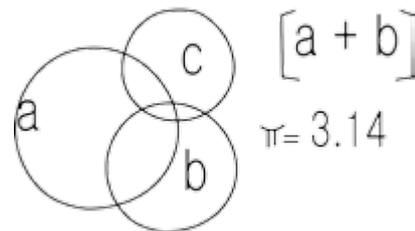


Sofia Kovalevskaya

Matemática e defensora dos direitos das mulheres

$$x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

$$y = \begin{cases} x + 3y + 2z = 1 \\ 2x + 6y + 5z = 38 \\ x + 2y + 10z = 2 \end{cases}$$



ele mesmo ser seu tutor, função que desempenhou durante quatro anos.

Sofia escreveria mais tarde: **“Estes estudos tiveram uma influência decisiva na minha carreira como matemática, porque traçaram o rumo das investigações que haveria de desenvolver nos meus estudos científicos posteriores.”**

Ao fim de quatro anos e de três artigos, um dos quais publicado na prestigiada revista Crelle, a Universidade de Göttingen atribuiu um doutoramento a Sofia Kovalevskaya. Porém, mesmo assim, não conseguiu encontrar emprego e decidiu regressar a casa com o marido.

Pouco depois, o pai de Sofia morria e, durante o período de luto que se seguiu, o casal apaixonou-se por fim e tiveram uma filha. Por esta altura, Sofia começou a investir mais nas suas capacidades literárias do que matemáticas. Escreveu ficção, crítica de teatro e artigos científicos para um jornal.

Mas acabou por se dedicar de novo à Matemática. A sua maior frustração era não encontrar emprego nessa área. Decidiu voltar a Berlim, onde soube que o marido se tinha suicidado em consequência de negócios falhados. O desgosto de Sofia fê-la dedicar-se ainda mais ao trabalho.

Finalmente, em 1883, recebeu um convite de um amigo e antigo aluno de Weierstrass para ensinar na Universidade de Estocolmo. Aquele que começou por ser um trabalho temporário tornou-se uma profissão.

Em 1888, ganhou o Prémio Bordin atribuído pela Academia Francesa. O trabalho que lhe mereceu o prémio foi de tal forma elogiado que o valor pecuniário do galardão foi aumentado de 3000 para 5000 francos.

Durante a sua carreira publicou dez artigos sobre matemática e física matemática, bem como inúmeras obras literárias. A maioria da sua obra científica consiste em teorias inéditas ou constitui pontos de partida para descobertas futuras.

A mulher que escreveu **“É impossível ser matemático sem ser poeta. Longe de ser uma ciência árida, a Matemática requer muita imaginação.”**, morreu a 10 de fevereiro de 1891.

Nascida a 15 de janeiro de 1850, em Moscovo, na Rússia, Sofia Kovalevskaya foi uma matemática de renome, bem como escritora e defensora dos direitos das mulheres. A sua luta para ter acesso a uma educação de qualidade franquiou muitas portas universitárias às mulheres. Além disso, o seu trabalho pioneiro no campo da Matemática ajudou os colegas a reconsiderar muitas noções arcaicas sobre o desempenho das mulheres no campo científico.

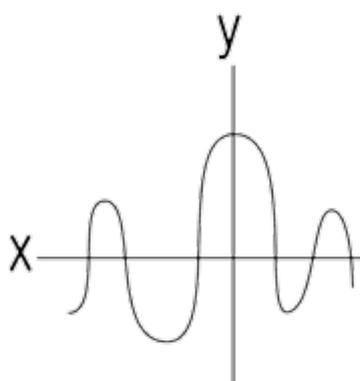
A educação de Sofia decorreu num ambiente que poderíamos considerar faustoso, já que a família pertencia à pequena nobreza russa. Não foi uma criança feliz. Enquanto filha do meio, sentia-se negligenciada por uma família que admirava sobretudo a filha mais velha, Anya, e o filho mais novo e herdeiro, Fedya. Durante a maior parte da sua infância, esteve ao cuidado de uma preceptora muito exigente, que queria transformá-la numa senhora a todo o custo, o que fez com que Sofia acabasse por se tornar uma pessoa nervosa e reservada.

O contato com a Matemática deu-se muito cedo. Foi o seu tio Pedro que, tomando-a um pouco a seu cargo, despertou essa curiosidade ao discutir com ela abstrações e conceitos matemáticos. Quando tinha 14 anos, Sofia ensinou trigonometria a si mesma, pois queria compreender a secção de ótica de um livro de física que estava a ler na altura. O autor do livro e seu vizinho, o Professor Tyrtov, ficou surpreendido com as capacidades que ela demonstrou e convenceu o pai a deixá-la ir estudar em Petersburgo.

Depois de concluir os estudos secundários, Sofia quis estudar na universidade. Como as universidades mais próximas abertas a mulheres ficavam na Suíça e as jovens solteiras de boas famílias não podiam viajar sozinhas, em setembro de 1868, Sofia casou-se por conveniência com Vladimir Kovalevsky, um paleontólogo. Após uns meses em Petersburgo, o casal viajou para Heidelberg, onde Sofia causou sensação pela timidez pessoal e pelo arrojo intelectual.

Em 1870, decidiu prosseguir os estudos na Universidade de Berlim, sob a égide de Karl Weierstrass, considerado um dos mais conceituados matemáticos do tempo. A princípio, Weierstrass não levou Sofia a sério. No entanto, quando a viu resolver um problema que lhe tinha proposto, apercebeu-se do génio que tinha diante dele. Uma vez que a universidade não aceitava alunas, propôs-se

$$\sqrt{\frac{X}{X}} = C \quad X + Y = 3 \quad 2 + XY^2$$



SÃO TIAGO MAIOR

Padroeiro dos Peregrinos

São Tiago, irmão de São João Evangelista, filho de Zebedeu, foi denominado o Maior para ser diferenciado do outro apóstolo com o mesmo nome, alcunhado Menor, por ser mais jovem. São Tiago Maior era galileu de nascimento, pescador, juntamente com o seu pai e o irmão, provavelmente, residentes em Betsaida. Jesus, andando junto ao lago de Genesaré, avistou Pedro e André atarefados na pesca e os chamou para que o seguissem, prometendo fazê-los pescadores de homens. Passando um pouco mais além, na praia, Ele avistou dois outros irmãos, Tiago e João, numa barca, junto com o pai Zebedeu, consertando as redes e os chamou também, e, de imediato, deixaram as redes e o pai e o seguiram. Provavelmente, em conversa com o conterrâneo Pedro e por outros meios, eles já tinham a convicção de que Jesus era o Cristo. Tão logo ouviram o seu convite e, sentindo a vontade divina, dirigiram-se a Ele e, no mesmo instante, abandonaram todos os pertences para atender ao chamado. Ele deu a esses dois a alcunha de Boanerges ou “Filhos do Trovão”, presumivelmente por causa do temperamento. Dentre os doze apóstolos, São Tiago foi um dos grandes amigos de Jesus, testemunhou momentos significativos da vida do Mestre como a cura da sogra de Pedro, a Transfiguração, entre outros.

As Sagradas Escrituras simplesmente dizem que Agripa “matou a Tiago, irmão de João, com a espada” (Atos 12,2). Foi enterrado em Jerusalém, porém, a partir de mais ou menos 830, o corpo foi trasladado, primeiro, para Iria Flávia, atualmente El Padrón, na Galáxia, em seguida, para Compostela, onde, durante a Idade Média, o Santuário de Santiago se transformou num dos maiores santuários da cristandade. As relíquias ainda descansam na catedral e foram consideradas autênticas pela bula papal de Leão XIII, em 1884. De acordo com a tradição da Espanha, ele empreendeu uma visita de evangelização àquele país, porém a mais antiga referência que conhecemos a respeito disso só consta do fim do século VII. A visita missionária de São Tiago à Espanha se deu assim que houve a ascensão do Senhor. Ali pregou e difundiu o Evangelho. Até hoje é um lugar místico que recebe diariamente vários peregrinos, religiosos e pessoas de inúmeras crenças que fazem o Caminho de Santiago de Compostela.

Na cidade de São Tiago, ele é o padroeiro da Paróquia e do Município. Monsenhor Eloi, um dos são-tiaguenses mais notáveis de todos os tempos, foi um expoente da fé cristã, que seguindo os mandamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, teve um cuidado todo especial em cada área dos seguimentos sociais, por onde passou. Brilhou na educação, na saúde e teve um destaque significativo nas obras sociais, além da pastoral. Especialmente no rincão onde nasceu, viveu e pastoreou. Esse sacerdote pensava em tudo! Até nos “andarrilhos”, “mendigos” que passavam pela cidade pedindo esmolas e comida. Monsenhor Eloi não acreditava que essas pessoas eram somente andarilhos, e sim como peregrinos neste mundo. Não queria vê-los com fome, passando frio e sem um teto para dormir, sobretudo, quando a noite chegava. Se sabia, logo providenciava que ficassem em um dos lugares que construiu para abriga-los temporariamente. Fez duas construções na cidade para acolhê-los; sendo uma no trevo onde hoje está construído o Laticínios Santiago e a outra ao lado do Cemitério Paroquial, intitulado “Abrigo dos Peregrinos em Trânsito em São Tiago” (atualmente velório paroquial). E como naquelas épocas de 1970, 1980 e 1990 apareciam pessoas pela cidade pedindo esmolas, roupas, alimentos...

E hoje, ainda existem andarilhos, pedintes, mendigos passando pela cidade? Pode haver, mas quase não se vê. E peregrinos? Peregrinos sempre os vemos nas cidades que movimentam pessoas em nome da fé: Aparecida (São Paulo), Trindade (Goiás), Juazeiro do Norte (Ceará), Nova Jerusalém (Pernambuco), Nova Trento (Santa Catarina) Serra da Piedade (Minas Gerais) etc. Lembremos do Caminho de Santiago de Compostela na Espanha. E agora, o “Caminhos de São Tiago” que fazem a rota de Santa Rita do Ouro Preto até nossa cidade. O projeto está sendo organizado pela administração municipal com apoio de onze municípios. Estão acontecendo várias palestras, cursos, workshops, conscientizando nossa comunidade para abraçar, junto a esse significativo projeto que irá beneficiar a todos e elevar ainda mais nossa cidade, sua tradição biscoiteira, bem como a fé no padroeiro São Tiago Maior.

Novamente a cidade volta a receber “peregrinos” – pessoas de fé, devotos, piedosos, de diferentes crenças e de filosofias de vida (turistas, visitantes, são-tiaguenses ausentes, amigos de São Tiago). Peregrinos de todas as partes do Brasil e quem sabe do mundo para trilhar o “Caminhos de São Tiago” – De Santa Rita do Ouro Preto até nós?! Que venham com aprendizados, exemplos, com sua fé; alegria para agregar à nossa comunidade, histórias, testemunhos e apoio no desenvolvimento local. Que São Tiago, o padroeiro dos Peregrinos, cubra-os, proteja-os com o seu chapéu. Que o seu cajado seja o amparo e suporte para cuidar de todos em sua peregrinação. Que a água que trás na moringa seja refrigerio para o corpo e o livro sagrado que está em suas mãos seja o alimento espiritual para uma vida nova, comprometida com o próximo e o bem comum.

Marcus Santiago - Membro do IHGST



São Tiago Apóstolo

Tiago Maior nasceu doze anos antes de Cristo na Galiléia e era filho de Zebedeu e Salomé, segundo as sagradas escrituras. Era, portanto, irmão de João Evangelista. É sempre citado como um dos três primeiros apóstolos, além de figurar entre os prediletos de Jesus, juntamente com Pedro e André. É chamado de “maior” por causa do apóstolo homônimo, Tiago filho de Alfeu, conhecido como “menor”.

Nas várias passagens bíblicas, podemos perceber que Jesus possuía apóstolos escolhidos para testemunharem acontecimentos especiais na vida do Redentor. Um era Tiago, o Maior, que constatamos ao Seu lado na cura da sogra de Pedro, na ressurreição da filha de Jairo, na transfiguração do Senhor e na Sua agonia no Horto das Oliveiras.

Consta que, depois da ressurreição de Cristo, Tiago rumou para a Espanha, percorrendo-a de norte a sul, fazendo sua evangelização, sendo por isto declarado seu padroeiro. Mais tarde voltou a Jerusalém, onde converteu centenas de pessoas. Por causa de falso testemunho foi preso e acusado de levar o povo a ir contra as ordens do imperador. A pena para esse crime era a morte.

A sentença foi executada durante as festas pascais no ano 42. Assim, Tiago, o Maior, se tornou o primeiro dos apóstolos a derramar seu sangue pela fé em Jesus Cristo.

Ó Deus, que a vossa Igreja exulte sempre no constante louvor do Apóstolo São Tiago, Maior, para que, sustentada por sua doutrina e intercessão, seja fiel a seus ensinamentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.





MARIA ANTÔNIA MARTINS DE JESUS

Muitas pessoas não têm conhecimento do que os outros fazem para ajudar a sociedade. Muitos mesmo tendo pouco ajudam ao máximo que podem.

Uma dessas pessoas que ajuda muito nossa cidade é Maria Antônia Martins de Jesus, mais conhecida como Tonha.

Ela não é a fada que realiza seus desejos, mas é a mulher que faz o possível para ajudar o próximo, não querendo nada em troca e sempre com um sorriso amigo no rosto.

E por falar em fada. Tonha tem mãos de fada para cozinhar. Não há quem resista à sua deliciosa comida. Talvez porque use um temperinho mágico em suas comidas, um tempero chamado Amor.

Há anos a frente da conferência Jesus Maria José esta heroína anda

toda a cidade em busca de contribuições para ajudar famílias carentes. Se alguém passa fome, Tonha monta cestas básicas e sacia sua fome. Se alguém está doente, Tonha compra o remédio e cura sua dor. Se o doente tem consulta em outra cidade e não tem dinheiro para um lanche, Tonha doa o dinheiro para que o doente se alimente durante a viagem. Se há crianças ou idosos precisando de fraldas, Tonha resolve seu problema com doações. E se alguém precisa de um apoio moral, uma palavra amiga, Tonha tem as palavras certas, os conselhos sábios para ajudar quem precisa. Ela é mesmo uma super heroína!

Além disso, há anos trabalhou na secretaria da saúde, onde deixou um legado de bondade, generosidade a todos que ali passavam.

Tonha é uma heroína que atendeu o chamado de Deus em sua vida: "Amar o próximo como a si mesmo", por isso, mesmo não tendo filhos, cuidou, como mãe, de todos os seus irmãos, sobrinhos e cuida, como pode, das pessoas necessitadas. São inúmeras pessoas beneficiadas com seu trabalho.

Nossa heroína ainda consegue tempo para se dedicar à vida religiosa, frequentando missas e procissões, além de ajudar na igreja, como voluntária.

O amor desta heroína é tão grande, que todos de São Tiago cabem em seu enorme coração.

Sua história é um conto! Toda vida conta.

(Karolainy S. Carvalho, Mariana G. Resende, Pedro Augusto Silva)



MARIA DAS GRAÇAS DE SOUSA SANTOS

Esta história é sobre atos de heroísmo protagonizados por uma super mulher de São Tiago, terra do café com biscoito.

Maria das Graças de Sousa Santos é uma heroína que não usa capa, nem veste roupa de herói, mas salva as pessoas com seu poder de bondade, pois é uma excelente pessoa que tem um grande coração.

Trata-se de uma heroína que sempre foi dona de casa, mas mesmo assim não deixou de fazer vários trabalhos para ajudar a sociedade.

Sempre que algum doente vai prestar exames ou consultar fora de São Tiago e não tem quem o acompanhe, Maria deixa seus afazeres para acompanhá-lo e apoiá-lo no que precisar durante a viagem.

Além disso, monta cestas básicas para ajudar a matar a fome de pessoas necessitadas, e, uma vez por ano, oferece a todas as crianças um almoço em sua casa.

Sem contar que essa heroína ajuda muito na igreja. Exercer o Ministério da eucaristia, levando Cristo às pessoas, aos doentes, enfermos é um ato heróico de caridade e generosidade.

Esta é Maria, uma heroína com o super poder da bondade. Uma mulher que todos respeitam e admiram por seu serviço voluntário. Uma mulher que faz sempre o bem sem olhar a quem, pois para ela o mais importante é ver as pessoas com um sorriso no rosto.

Sua vida é um exemplo de dedicação ao próximo, por isso, ela é nossa heroína!

(Diego A. S. Viegas, Diogo D. Vieira, Gustavo F. Silva, João Lucas R. Nogueira, Marcela A. Campos, Sophia C. S. Lara)



Retificação:

No boletim nº CXLVII - Dez./19, pág. 13, no texto sobre a Sr.^a Irene Caputo de Assis, onde se lê: nasceu em São Paulo; leia-se: nasceu em São Tiago.

Para encontrar nosso verdadeiro caminho



Na cidade de Savathi, no norte da Índia, Buda mantinha um grande centro onde as pessoas vinham meditar e ouvi-lo discorrer sobre Dharma. Todas as noites, um jovem aparecia para ouvir suas palestras. Durante anos ele apareceu para ouvir as pregações de Buda, mas nunca colocou em prática qualquer dos ensinamentos recebidos.

Até que, certa noite, chegando um pouco mais cedo, encontrou Buda sozinho. Aproximando-se, interpelou-o:

- Senhor, tenho uma pergunta que fica surgindo em minha mente e provocando dúvidas.

- Oh? Não deve haver dúvidas no caminho do Dharma. É preciso esclarecê-las. Qual é sua pergunta?

- Senhor, há muitos anos que venho ao seu centro de meditação, e reparei que há um grande número de reclusos ao seu redor, monges e freiras, e um número ainda maior de leigos, homens e mulheres. Alguns deles vêm aqui há anos e posso ver com clareza que alcançaram o estágio final; é que outros experimentaram uma certa mudança em suas vidas. Também eles se liberaram. Mas, senhor, também noto que há um grande número de pessoas, dentre as quais eu me incluo, que permanecem como eram, ou estão talvez até piores. Não mudaram em nada, ou não mudaram para melhor. Por que há de ser assim, senhor? As pessoas vêm procura-lo, um grande homem, plenamente iluminado, um ser poderoso e compassivo. Por que o senhor não usa o seu poder e a sua compaixão para liberá-las todas?

Buda sorriu e perguntou:

- Meu jovem, onde você mora? Qual é sua terra natal?

- Moro aqui em Savathi, senhor, capital do estado de Kosala.

- Sim, mas seus traços mostram que você não é desta parte do país. De onde veio? Onde nasceu?

- Sou da cidade de Rajagaha, senhor, capital do estado de Magadha.

Vim para cá e me estabeleci em Savathi há alguns anos.

- E rompeu todas as ligações com Rajagaha?

- Não, senhor, ainda tenho parentes lá. E amigos também. Faço negócios em Rajagaha.

- Então com certeza deve ir e vir de Savanthi para Rajagaha com bastante frequência?

- Ah, sim. Várias vezes por ano eu visito Rajagaha e retorno a Savathi.

- Tenho ido e voltado tantas vezes, tendo percorrido tantas vezes o caminho daqui a Rajagaha, você certamente conhece bem o percurso.

- Sim, senhor. Conheço a estrada perfeitamente. Diria que até com os olhos vendados eu poderia achar o caminho para Rajagaha, tantas vezes já o percorri.

- Deve acontecer então que as pessoas lhe procuram para que lhes explique como chegar daqui a Rajagaha. Você esconde alguma coisa delas ou explica-lhes o caminho sem evasivas?

- O que haveria para esconder, senhor? Eu explico o mais claramente possível: comece caminhando para o leste e siga em direção a Benares, continue caminhando até chegar a Gaya e em seguida a Rajagaha. Explico-lhes o caminho de maneira a não deixar dúvidas.

- E essas pessoas a quem você dá explicações tão claras, todas elas chegam a Rajagaha?

- Como poderiam, senhor? Somente aquelas que percorrerem todo o caminho até o fim é que chegarão a Rajagaha.

- É isso que eu quero lhe explicar, meu jovem. As pessoas vêm a mim sabendo que sou alguém que já percorreu o caminho até o Nirvana e que o conhece bem. Elas vêm a mim e perguntam, "Qual é o caminho para o Nirvana e a liberação?" E o que há para esconder? Eu explico claramente: "Este é o caminho". Se alguém apenas abana a cabeça e diz, "Bem dito, muito bem dito, um excelente caminho, mas não vou dar um passo nele; um caminho excelente, mas não vou me dar ao trabalho de percorrê-lo", como essa pessoa poderá atingir o destino final? Eu não carrego ninguém nos ombros até o destino final. Ninguém pode carregar ninguém nos ombros ao destino final. No máximo, com amor e compaixão, é possível dizer, "Bem, este é o caminho e é assim que eu o percorro. Se você também trabalhar, se você também caminhar, certamente atingirá o destino final." Mas cada pessoa deve percorrê-lo por si, deve dar cada um dos passos ao longo do caminho por si. Aquele que deu um passo no caminho está um passo mais próximo do destino. Quem deu cem passos, está cem passos mais próximo. Quem deu todos os passos no caminho atingiu o destino final. Mas cada um tem que percorrer o caminho por si mesmo.

Budismo Primitivo

Aves observadas

BATARÁ

Visto na região do Córrego Fundo um casal de aves conhecidas como Matracão, subespécie Batará Cinérea, família Thamnophilidae (Vieillot 1819) paassariforme com ocorrência no Sudeste do Brasil até a Argentina (Provincia de Misiones) Seu nome Batará Cineréa vem do tupi “mbarata” que significa “formigueiro” e do latim “Cinerea, cinereus, cinis, cineris” – cor de cinza. Mede 34 cm de comprimento, cauda longa, os machos com topete negro, dorso listrado; as fêmeas tem o dorso pardo com listas negras; quando jovens, tem o hábito de eriçar o topete.

Alimenta-se de vertebrados, dentre eles roedores, lagartos, cobras, caracóis, grandes artrópodes etc. Nidifica em meio a vegetação densa, acerca de 2 a 3 metros de altura, preferindo áreas íngremes com bambuzais, emaranhados de samambaias. Raramente vistos em bandos mistos. Esquivo, sorrateiro, desloca-se e esvoaça agilmente próximo ao solo como um esquilo, sendo, portanto, dificilimo observá-los, traido-se pela voz (matraquear), daí seu nome popular.



O caminho de São Tiago

O caminho de São Tiago a laje, todo verde, serpea bucólico e silencioso os altos da Serra das Vertentes. Nele se respira o ar puro dos ambientes quietos, se aspira o cheiro perfumado dos campos frescos da natureza intacta.

O caminhante segue de São João del-Rei, passa pelo Giarola, por Coronel Xavier Chaves, pela cava do Milho Branco ou pelos quatorze quilômetros asfaltados até o antigo Corredor Público da estrada real, quase preservados. São aproximadamente três quilômetros de cava centenária abertos pelos bandeirantes e depois trilhados por capitães do mato, inconfidentes e tropeiros. Mais treze quilômetros por estrada de terra e chega-se a Laje altaneira.

Contemplando a paisagem do alto das lajes de granito e ser tomado por um “relax”, toma-se o caminho de terra para São Tiago. São trinta e dois quilômetros de descontração entre serras altas e restos da vegetação da Mata Atlântica.

O estresse vai ficando pelo caminho.

Em São Tiago, na Praça há bancos em quantidade e num ambiente interiorano de hospitalidade e intimidade sse descansa se encontra pessoas da cidade e saboreia os biscoitos variados e famosos. Dentro da Igreja Matriz a imagem de São Tiago, de estilo barroco espanholado, artisticamente representa a bela escultura mineira que parece desejar as boas-vindas.

Por estas bandas há histórias e lendas de espanhóis e inconfidentes. No caminho teria o Capitão José de Resende Costa convidado Joaquim Silvério dos Reis a participar da Conjuração Mineira e depois teriam pernoitado na Fazenda dos Campos Gerais, do Capitão, onde as conversas se prolongaram num encontro de muitos homens.

Joaquim Silvério morava em Barbacena. O que faria no caminho de São Tiago? Estaria voltando do arraial da Farinha Podre, Araxá, lugar de paragem no Caminho do Sertão, ou teria ido em busca de negros fugidos, que comumente se escondiam por ali. E o Capitão Resende Costa? Teriam eles visitado fazendas em Bom Sucesso, ou outras na picada de Goiás?

Uma tese estudada na Universidade Federal de Minas Gerais aponta a região da Laje como lugar onde estavam as mais ricas fazendas de Minas Gerais. O que faziam os abastados conjurados neste caminho?

Os casos tradicionais citam os espanhóis como os primeiros moradores do lugar e a bela imagem de São Tiago, da Igreja Matriz, teria vindo com eles da Espanha, nos idos de 1720, aproximadamente. As fazendas bicentenárias ali abrigam famílias tradicionais.

O caminho para São Tiago evoca histórias tristes confirmando os ideais frustrados de liberdade sempre trilhados nas Minas Gerais.

Cida Chaves.

Livro “25 anos na Tribuna”, págs. 151/152, JF, Belvedere, 2013.



Empresas são obrigadas a colocar preços nos produtos à venda e ainda colocarem avisos bem claros e visíveis caso não aceitem pagamentos em cheques, ou cartões.

Lei 14126 de 14/12/2001, art. 1º - É obrigatório a afixação nas dependências do estabelecimento comercial situado no Estado em local visível para o consumidor de aviso que informe – a determinação do estabelecimento de não aceitar cheque como forma de pagamento bem como as condições impostas pelo estabelecimento para o recebimento do cheque.

Art. 6º Cód. Defesa Consumidor são direitos básicos do consumidor a informação precisa, adequada, clara sobre os diferentes produtos e serviços com especificação correta da quantidade, características, composição, qualidade e preço bem como sobre os riscos que apresentem.

No mínimo, por prudência, o estabelecimento deve afixar cartazes à entrada, no caixa, em comandas, etc., dizendo que não aceita cheques ou que os aceita sob consulta. É o que define o código de defesa do consumidor.

No caso da empresa aceitar cheques como forma de pagamento, não poderá fazer diferenciação como prazo mínimo de abertura de c/c, fato considerado abusivo e prática ilegal – Lei 15443 de 11/01/2005, art. 1º, inciso II, parágrafo único.

Nenhum estabelecimento, NINGUÉM, poderá contudo recusar pagamento em moeda corrente – Decreto Lei 857/1969 e Cód Civil de 2002, art. 313 e 315.

Certa empresa – e das mais poderosas no País e que na verdade é uma financeira tinha/tem o costume de efetuar vendas por ex.: em 10 parcelas recusando vender à vista e obviamente com descontos. A dinheiro nem pensar, na avaliação da empresa. ABUSO!

O título de crédito denominado cheque, modalidade de pagamento alternativa do dinheiro, disciplinada pela Lei Federal 7357/1985.

A CRISE DOS BURROS

Por Francisco José dos Santos Braga

INTRODUÇÃO

Durante a recente crise europeia, tem circulado uma parábola intitulada "A Crise dos Burros", traduzida para diversas línguas. A versão que segue abaixo constitui minha tradução quase literal desse texto, diretamente da língua grega. Consta que essa fábula apareceu pela primeira vez em francês, foi traduzida para o italiano e, em seguida, se espalhou por todas as línguas. O pressuposto nesta história é que empresários, banqueiros e autoridades públicas se unem em sintonia, em detrimento dos habitantes de uma aldeia, não identificada, mas que está sujeita às "leis de mercado"... dos burros.

Como se sabe, a situação ali retratada é particularmente sentida nos países da zona do euro, especialmente Grécia, Espanha, Portugal e Itália, que, ao fugirem à bancarrota, são submetidos às maiores atrocidades para cumprirem metas impostas por diversos organismos internacionais para que lhes concedem crédito.

Como nenhum país está imune à intempérie nesses nossos tempos de globalização, em que a crise econômica não respeita fronteiras e ameaça indistintamente todos os países, julgo conveniente pensar que a situação descrita nessa fábula também possa não ser muito diferente da brasileira, em que pesem estatísticas e discursos oficiais não quererem reconhecer os maus ventos.

MINHA TRADUÇÃO PARA "A CRISE DOS BURROS"

Um dia apareceu numa aldeia um homem de terno e gravata. Subiu no banco da praça e gritou para a população local ouvir que compraria por 100 euros todos os burros que lhe trouxessem, e, ainda por cima, a dinheiro.

Os aldeões ficaram um pouco surpreendidos, mas o preço era muito bom e aqueles que aceitaram vender voltaram para casa com a bolsa cheia e um sorriso nos lábios.

No dia seguinte, o mesmo homem voltou e ofereceu 150 euros por burro não vendido; assim os demais camponeses venderam seus animais. Nos dias subsequentes, aumentou a oferta para 300 euros pelos animais que ficaram sem vender, tendo por consequência os últimos (camponeses) vendido seus burros sem arrependimento.

Quando aquele homem percebeu que na aldeia não restara nenhum burro, anunciou a todos que voltaria uma semana depois para comprar qualquer burro que encontrasse por... 500 euros! E se retirou.

No dia seguinte, confiou a seu sócio a manada de burros que tinha comprado e enviou-o à mesma aldeia com ordem de os vender todos a preço de 400 euros cada.

Os aldeões anteviram a possibilidade de lucrar 100 euros por animal na semana que se seguiu. Por isso, ao longo dos dias restantes, compraram os burros por 400 euros cada, ou seja, readquiriram seus animais até quatro vezes mais caro do que o preço ao qual os tinham vendido, e, para o fazerem, foram obrigados a pedir EMPRÉSTIMO ao banco local.

Como se pode imaginar, depois da transação, os dois empresários saíram de férias para um paraíso fiscal do Caribe, enquanto os aldeões ficaram superendividados, desapontados e com os burros em sua posse.

É claro que os camponeses tentaram vender os burros para cobrirem as dívidas, mas foi inútil, pois todos já estavam abarrotados de burros cujo preço tinha chegado ao fundo.

Por isso, o banco confiscou os burros e, em seguida, os alugou aos antigos proprietários para tentar cobrar-lhes as dívidas.

Ainda assim, o banqueiro foi até ao prefeito da aldeia e lhe explicou que, caso não recuperasse os fundos emprestados ao Município, não só o prefeito iria à falência, como também pediria a suspensão da linha de crédito concedida ao Município, por via de consequência.

Aterrorizado, o prefeito, para evitar a catástrofe, em vez de dar dinheiro aos aldeões para cobrirem suas dívidas, deu-o ao banqueiro, o qual, aliás, era compadre do presidente da Câmara Municipal. O banqueiro, com a transação dos burros, após ter recuperado o seu capital, não quitou as dívidas dos aldeões nem do Município.

Ao ver as dívidas multiplicarem-se e apertado pelos juros, o prefeito pediu ajuda às prefeituras vizinhas; mas todas responderam negativamente, por terem sofrido prejuízo com seus próprios... burros!

Diante disso, o banqueiro deu ao prefeito o abnegado conselho de diminuir as despesas do Município da seguinte forma: menos dinheiro para as escolas, para o hospital da aldeia, para a polícia municipal, revogação dos programas sociais e de pesquisa, diminuição do financiamento para novas obras de infra-estrutura, aumento da idade para aposentadoria, exoneração da maioria dos funcionários municipais, cortes nos ordenados dos que permanecessem e aumento dos impostos.

Foi dito ser inevitável, mas prometido que aquelas mudanças estruturais eram "para por ordem no funcionamento do Estado, para por fim aos desperdícios" e... para moralizar o comércio dos burros.

A história começou a ficar interessante quando se ficou sabendo que os dois empresários e o banqueiro eram primos e residiam juntos numa ilha próxima a Bahamas, que tinham comprado com o seu... suor!

Ficaram conhecidos por "família dos mercados financeiros", e com grande bravura se ofereceram para financiar a campanha eleitoral dos prefeitos das aldeias da região.

Em todo caso, a história não terminou aí, porque ninguém soube o que fizeram depois os camponeses.

A Batalha de Plateia

Hoje, silenciosas ruínas de templos. Pedras entalhadas dentre caminhos de cascalhos abandonados. Uma planície erma entre os contrafortes ondulados às margens do Rio Asopo, 50 quilômetros a noroeste da Atenas na Grécia. Nada indica que ali ocorreu, há 2.500 anos, a Batalha de Plateia, um dos últimos e decisivos confrontos na guerra entre persas e gregos e a maior batalha terrestre das Guerras Persas. Historiadores exaltam a vitória grega na batalha de Plateia, que assegurariam as bases em Atenas, o surgimento do chamado "Século de Ouro" – a mudança, enfim, do curso da história.

A Batalha de Plateia – Em 27 de agosto de 479^{a.C} ocorreria na planície de Plateia, região arenosa da Beócia, ao sul da Grécia, uma das batalhas mais memoráveis e emblemáticas da história. De um lado, uma aliança de cidades-Estado gregas que incluíam Esparta, Atenas, Corinto e Mégara e de outro o poderoso exército invasor Aquemênida (persa) em seu empenho expansionista para o oeste (Europa).

Os gregos, embora reunissem uma força nunca vista antes naquelas paragens – entre 70 e 100 mil homens – comandados pelo notável general espartano Pausânias; já os persas – em torno de 300 mil homens, segundo os historiadores Heródoto e Plutarco – arrebanhados em várias partes da Ásia Menor, sob o comando do expediente general Mardônio, que previa vitória fácil, mandando envenenar os poços e fontes de água dos gregos. Por cerca de 15 dias, os exércitos se mediram à distância, separados pelo Rio Asopo. A batalha começaria quando os gregos fingssem recuar – na verdade uma hábil estratégia para que as tropas se agrupassem. Os persas lançaram sua cavalaria pelo vale, que acabou destruída. O pró-

prio general Mardônio foi morto em combate, tendo o crânio esmagado por projétil lançado pelo guerreiro grego Aimnesto. Os gregos, embora lutassem na proporção de quase 1 x 4, achavam-se muito bem treinados, equipados, exibindo táticas de combate compartilhado e coletivo, com ataque e defesa simultâneos e sincronizados, escudos de bronze trançados, em que enquanto avançava, compacta, a linha de frente, os soldados de trás lançavam rajadas de flechas sobre as hostes inimigas, como se fossem um descomunal "tanque de guerra" humano. Ali estava a mais formidável infantaria da Grécia, dotada de escuderia invejável, lanças compridas e pesadas armaduras, permitindo mortal contra-ataque no estilo de uma falange, fazendo os persas recuarem assim ruindo sua poderosa máquina de guerra. Com a morte de Mardônio, os persas se desorganizaram, sendo perseguidos pelos gregos.

Segundo Heródoto, apenas 43.000 soldados persas sobreviveram, sendo as vítimas entre os gregos em torno de 1.360 (Plutarco) e 10.000 (Éforo e Diodoro). Os remanescentes persas seriam dizimados posteriormente pelas forças de Alexandre I da Macedônia em Gaugamela, levando a Pérsia a desistir de vez de anexar a Grécia Continental. Com a derrota do exército persa, a Grécia torna-se a 5^a potência mundial (Dn 8:3-8; 20-22)



APELIDOS GENTÍLICOS

Aqui, nos **Campos das Vertentes**, região montanhosa do centro-sul mineiro, que encantou viajantes como Auguste de Saint-Hilaire, as pequenas cidades e vilas guardam certas características muito peculiares e formas produtivas típicas, que acabaram por gerar alcunhas de extraordinário caráter interiorano.

Os produtos agrícolas mais típicos de um lugar, de tão abundantes ou antes dominantes na economia local, fizeram render pseudônimos curiosos aos moradores. Esses apelidos às gentes locais também se vão perdendo na fumaça dos tempos e alguns ficaram atualmente desprovidos de seu significado de origem. Houve época que eram ofensivos e uma vez pronunciados geravam insultos de retorno e não raro, discussões e até brigas. Era uma versão caipira do bairrismo.

Também certos gestos ou jeito comportamental renderam suas inspirações.

Vou lembrando agora do povo de **Conceição da Barra de Minas** que ganhou o apelido de "bota-ovo", com duas explicações que ouvi: uma que diz que eles, concepicionenses, falam demais e não brigam nada. No linguajar popular existe nesse sentido a expressão "botando ovo", como quem faz muito barulho, como a galinha cacareja alto ao botar. Outra versão porém vem do hábito postural comum ao homem do campo, de esperar de cócoras em vez de em pé ou sentado, como uma galinha pronta a botar. Agachar, se apoiando sobre os calcanhares. Esta posição é chamada também "cutiado" ou "acutiado", ou seja, na postura da cutia (mamífero roedor dasyproctídeo) e é uma herança indígena.

Os ritapolitanos são os "gabirola", nome da frutinha mirtácea mais abundante dos pastos de cerrado pelas imediações de **Ritópolis**, ex-Santa Rita do Rio Abaixo.

Em **Resende Costa** existe uma grande pedra lajeada, em plena cidade, mirante de rara beleza e marco identitário do lugar. A cidade cresceu em redor, a ponto de seu nome primitivo ser Arraial da Laje. Logo a gaiatice popular aproximou que lagartixa é que vive na pendurada em laje. Então... resende-costense foi alcunhado "lagartixa". Um fenômeno recente de largo interesse é a adoção da lagartixa como símbolo local, figurada numa alegoria do réptil, carinhosamente chamada "Tixa", fixada diante de vários estabelecimentos comerciais. É a alcunha virando produto turístico!

O pessoal de **São Tiago** - o povo do "café com biscoito" (atualmente centro de uma grande festa temática) ou de Ritópolis, provocava aos moradores de **Morro do Ferro** chamando aquele lugar de "Arraial das Cocotas", alusão às vossorocas oriundas da atividade mineradora, onde as cocotas (maritacas, Aratinga leucophthalma, psitacidae), se aninham em galerias escavadas nos barrancos. Dispensável dizer o desconforto que o apelido gerava.

Lagoa Dourada. Encravada nos contrafortes da Serra das Vertentes, produz o mais delicioso rocambole da região, usando de um pão de ló especial e um doce de leite inigualável, Tão afamado se tornou que logo os lagoenses não tardaram ser apelidados de "rocambole".

O distrito são-joanense de **São Gonçalo do Amarante**, ex-Caburu, foi noutros tempos produtor de boa safra de quiabo. Pelos



terrenos férteis e úmidos dos sítios das redondezas,

São Gonçalo do Amarante.
Autor e data não identificados.
Fotografia gentilmente cedida por João Bosco Alves.

muito do fruto dessa malvácea foi produzido. Das hortas vinham em balaios para a venda na cidade. Caburuense, então, virou "quiabeiro"...

Outro distrito nosso, **Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno** se destacou na produção de arroz e limão, trazido para vender em

São João del-Rei nos jacás, bruacas e sacos, no lombo dos burros das tropas. Os naturais por conseguinte foram alcunhados "arroz pilado" ou "limão-galego". Porém esses designativos se perderam



sob a sombra de um produto local muito mais significativo e que realmente

Belo casarão de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno.
Foto: Iago C.S. Passarelli,
10/04/2013

se afamou pela qualidade: o "sabão-de-bola", um sabão artesanal que povo usa para descarrego espiritual e para males da pele e seborréia. Surgiu então mais esse apelido.

Mesmo dentro de uma cidade surge essa característica para com um bairro ou corporação Na infância ouvia moradores da área central de São João del-Rei chamarem o bairro de Matosinhos de "Matosíndio", e seus moradores de "índios", no sentido mais pejorativo que a palavra comporta, como selvagem, bárbaro. As duas orquestras sacras bicentenárias da cidade tiveram outrora seus apelidos: "coalhada" (Ribeiro Bastos) e "rapadura" (Lira Sanjoanense). E os times de futebol? Também, mas não é assunto para este texto. O bairro Colônia do Giarola, em razão das úmidas várzeas ao



longo do Rio Carandaí, muito férteis, serviu aos migrantes italianos para

Plantação de inhamé, Colônia do Giarola, São João del-Rei.
Fotografia: Ulisses Passarelli, 13/02/2017

extensas plantações de inhamé. Não tardou que seus moradores fosse assim apelidados: "inhamé".

Esta cidade aliás foi apelidada "São João dos Queijos", nome que faz jus à grande produção deste produto e a extraordinária qualidade dos queijos. Não obstante a queda na produção desde alguns anos, o cognome persevera teimoso.

São João del-Rei nutria com a vizinha **Tiradentes** uma velha rivalidade. No século XIX e mais um tempo adiante, os tiradentinos eram chamados "jacubeiros", referência à jacuba, uma bebida tósca mas saborosa e de "sustança", de que existem algumas receitas, mas cá dou a que aprendi em menino: café forte, coado amargo de tudo ("café pagão"). No caneco ou cuja se pica uns pedaços de queijo mineiro e põe um tanto de "farinha de munho" (fubá torrado) e açúcar mascavo para adoçar. Por cima despeja o café citado. O calor derrete o queijo, gerando um fio de puxa-puxa. Comida de tropeiros, boiadeiros, carreiros, garimpeiros...

Mas este apelido deu lugar a outro mais irritante para eles: "tatu com repolho". Digo irritante porque na infância ouvia minha mãe e tias recomendando-me ser bem criado, ter juízo, respeitar os mais velhos e nunca chamar ninguém de Tiradentes de tatu com repolho porque dava briga! Em compensação eles nos retribuía com um terrível nome: "sabiá com farinha"... Diz que nos bailes e festas de barraquinha, se a rapaziada das duas cidades irmãs se vissem por aí, bastava um chamar o outro: "Ôh, sabiá com farinha!" que o pau quebrava!

Longe de ofender qualquer localidade citada neste texto ou a seus cidadãos, quis apenas revelar para quem não conhece, mais este tempero da mineiridade: o mundo dos apelidos. Embora existam em todo país _ claro _ os acima referidos tem a cor local, a face do provincianismo das Vertentes de Minas. Cada lugar desses, sabendo a contento aproveitar favoravelmente tais apelidos pode convertê-los favoravelmente em símbolos de identidade, rendendo visibilidade, marca comercial, ícone. Vira publicidade, fonte de renda, com produção de lembranças, souvenir's, artesanato e pintura temática.

Notas e Créditos
*Texto: Ulisses Passarelli